



Espaços não formais como ambientes de aprendizagem da Geografia: Um relato de experiência da realização de oficinas no CRAS Nazareth Assis

Non-formal spaces as learning environments for Geography: An experience report of workshops at CRAS Nazareth Assis

Aílla Andrade Sousa 1

Graduanda em Licenciatura em Geografia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

– Campus V, <https://orcid.org/0009-0006-8800-5341>, andradeailla@gmail.com

Jaqueline Costa dos Santos 2

Graduanda em Licenciatura em Geografia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

– Campus V, <https://orcid.org/0009-0002-9626-5240>, jaquelinec10m@gmail.com

Resumo

Os espaços não formais de aprendizagem são como um grande laboratório de experiências geográficas que, muitas vezes, não são valorizadas pela comunidade e professores. Utilizando a abordagem qualitativa, combinou-se na análise bibliográfica sobre o ensino e aprendizagem da Geografia, com as especialidades da educação não formal para a realização das oficinas. Assim, o presente artigo tem como finalidade evidenciar a importância da educação não formal através de metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem, bem como relatar a experiência de práticas pedagógicas desenvolvidas numa oficina realizada no CRAS Nazareth Assis, localizado no Bairro São Benedito, na cidade de Santo Antônio de Jesus/BA. Na pesquisa, percebeu-se que os encontros realizados contribuíram significativamente no processo formativo dos participantes e mediadores, cooperando para troca de saberes e conhecimentos entre os agentes envolvidos nesse processo.

Palavras-chaves: Educação não formal; Ensino e aprendizagem; Geografia; Cotidiano.

Abstract

Non-formal learning spaces are like a large laboratory of geographical experiences that are often not valued by the community and teachers. Using a qualitative approach, the bibliographic analysis on the teaching and learning of Geography was combined with the specialties of non-formal education to carry out the workshops. Thus, this article aims to highlight the importance of non-formal education through active methodologies in the teaching and learning process, as well as to report the experience of pedagogical practices developed in a workshop held at CRAS Nazareth Assis, located in the São Benedito neighborhood, in the city of Santo Antônio de Jesus/BA. In the research, it was noted that the meetings held contributed significantly to the



training process of participants and mediators, cooperating in the exchange of knowledge and expertise among the agents involved in this process.

Keywords: Non-formal education; Teaching and learning; Geography; Everyday life.

1 Introdução

A educação não formal desempenha um papel significativo no processo de ensino e aprendizagem, especialmente ao ampliar as possibilidades de construção do conhecimento para além do ambiente escolar convencional. Essa modalidade educativa, incentiva a autonomia e liberdade dos docentes para criar e aplicar estratégias pedagógicas para construção horizontal, autônoma e reflexiva do conhecimento, estimulando a capacidade de autoaprendizagem dos estudantes.

De acordo com Pereira e Pereira (2003, p. 38) “Compreender o “mundo” e o “nosso lugar no mundo” é tarefa básica para a qual a Geografia deve ser direcionada”. A educação não formal oferece um leque de oportunidades para se alcançar essa tarefa, promovendo uma interação direta com a realidade, contextualizando conceitos geográficos com as experiências e vivências no mundo real.

Assim, este trabalho busca evidenciar o potencial da educação não formal, analisando sua aplicação no ensino de Geografia, a partir dos relatos de experiências adquiridas durante o processo de desenvolvimento de uma oficina em espaços não escolares.

Dessa forma, esse trabalho explora a relevância das experiências decorrentes dos espaços não formais, devido ao potencial dessa abordagem para complementar e enriquecer as práticas pedagógicas tradicionais, tendo em vista os desafios contidos no cenário da educação básica que evidencia a necessidade de buscar metodologias inovadoras capazes de ressignificar as práticas educativas tradicionais exercidas em espaços para além da sala de aula.

2 Metodologia

Para a elaboração desta pesquisa utilizo a abordagem qualitativa, sendo esta fundamental para entender fenômenos sociais e culturais que permeiam no processo de



ensino, aprendizagem e construção do raciocínio geográfico. Consistindo em duas etapas, a primeira instância do trabalho deu-se a partir realização de pesquisas bibliográficas em jornais, revistas e na biblioteca da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Departamento de Ciências Humanas (DCH), Campus V, sobre temas relacionados o processo de ensino e aprendizagem da Geografia como especialidades da educação não formal.

Posteriormente, foram realizadas seis oficinas interativas no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Nazareth Assis, localizado na cidade de Santo Antônio de Jesus-BA, afim de ter um contato direto com os participantes e acompanhar seu desenvolvimento durante as atividades propostas.

Desse modo, a integração dessas duas etapas, permitiu estabelecer um diálogo e reflexão entre a teoria e prática referente a potencialidade sobre a abordagem de temas e conteúdos geográficos em espaços não formais de aprendizagem.

3 Resultados e Discussão

Sabe-se que o papel da educação não formal para um ensino além da sala de aula é fundamental para evidenciar a importância da inclusão de metodologias alternativas no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, assim como, estimular discussões críticas relacionadas as hierarquias estruturadas nos saberes propostos pela educação formal.

Assim, a abordagem sobre os espaços não formais como cenários de ensino para o aprendizado da Geografia, termina por retratar exemplos concretos de geografar o conhecimento por meio das experiências do cotidiano, que podem ser percebidos nos relatos de experiências das oficinas que foram desenvolvidas no CRAS Nazareth Assis.

3.1 O papel da educação não formal para um ensino além da sala de aula

A educação não formal ocorre fora dos muros das escolas, propondo um ensino dinâmico e significativo, a partir de práticas educacionais que oferecem novas possibilidades de educar e construir o conhecimento. Conectando a teoria com as



experiências cotidianas dos indivíduos, nos mais diversos espaços que oferecem conteúdos educativos, como defende Pires e Queiros (2016).

Segundo Bruno (2014), diferentemente do ensino regular, a educação não formal não é organizada por níveis, idades ou conteúdos, influenciando assim a mediação de um aprendizado mais horizontal e com mais autonomia para construção e trocas de saberes e conhecimentos. Dessa forma, defende o aprendizado coletivo fugindo do perfeccionismo e abordagens modeladoras propostas no ensino convencional.

Infelizmente, a crença e a propagação de informações relacionadas ao fato de que a educação só se desenvolve com eficiência dentro da sala de aula, impede a busca e produção de outras pedagogias, como sinaliza Arroyo (2014). Dessa forma, muitos profissionais da educação defendem ou são obrigados a aceitar a educação formal como o único método de ensino e aprendizagem para seus educandos.

Perspectivando uma escola não uniformizadora, foram instituídos dispositivos (pedagógicos) promotores de uma autonomia responsável e solidária, com a finalidade de permitir à criança formar-se num processo de socialização criadora de uma consciência de si como ser social-com-os-outros e, bem assim, a agir como participante de um projeto comum (Pacheco; Pacheco, 2015, p.3).

Normalmente, as instituições de ensino mantêm um sistema educacional com paradigmas tradicionais enraizados nos seus instrumentos pedagógicos, dificultando a renovação das práticas docentes e a possibilidade de uma educação pautada em uma abordagem aberta e flexível. Por outro lado, os espaços educativos diversos com princípios da educação não formal, contém um grande potencial de aprendizagem que auxilia na construção da autonomia e responsabilidade dos estudantes.

A Escola da Ponte, em Portugal, possui um modelo educativo inovador, sendo um exemplo prático de que o processo educacional pode ser recriado e adaptado de acordo com as necessidades específicas dos estudantes e a realidade de cada contexto educacional.

Perspectivando uma escola não uniformizadora, foram instituídos dispositivos (pedagógicos) promotores de uma autonomia responsável e solidária, com a finalidade de permitir à criança formar-se num processo de socialização criadora de uma consciência de si como ser social-com-os-outros e, bem assim, a agir como participante de um projeto comum (Pacheco; Pacheco, 2015, p.3).



Parafraseando os argumentos dos autores, os princípios norteadores de idealização da Escola da Ponte contém elementos em comum com a pedagogia libertadora de Paulo Freire, principalmente a semelhança com ideias do conceito de ação-reflexão-ação, pois o estudante se torna um sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem, facilitando o desenvolvimento da autonomia e protagonismo para compreender o seu lugar no mundo.

O documentário: Quando sinto que já sei! (2014), evidencia algumas iniciativas brasileiras desenvolvidas com base no projeto da escola da ponte, demonstrando exemplos bem-sucedidos que apostaram em novos métodos de ensino. Com base nos depoimentos contidos no documentário, observa-se opiniões de alunos, professores, pais, diretores sobre as práticas educacionais inovadoras, que mostram percepções de satisfação com a ressignificação do contexto educacional brasileiro, destacando a necessidade de repensar o modelo de ensino proposto pela educação formal e tradicional.

“A educação ultrapassa os limites do ensino escolar formal visto que as experiências de vida também geram processos de aprendizagem não formais, que desenvolvem autonomia nos sujeitos sociais” (Pires; Queiros. 2016, p.4). Dessa maneira, é importante considerar as vivências cotidianas como propulsoras para a construção do conhecimento, interligando a realidade dos estudantes com as temáticas educacionais retratadas em sala de aula. Assim, mesclando abordagens da educação não formal e formal, agregando e potencializando o processo de ensino e aprendizagem.

Como discute Bruno (2014, p.12):

Uma definição simplista da trilogia, a partir do critério estrutural (Trilla-Bernet, 2003), associa a educação formal ao ensino regular, a não formal a todos os processos educativos estruturados e intencionais que ocorrem fora da escola e a informal às aprendizagens realizadas em contextos de socialização (família, amigos, comunidade) (BRUNO, 2014, p.12).

A partir das discussões e leituras realizadas nas aulas de Estágio Supervisionado em Geografia - Espaços não Formais, foi possível compreender a relevância de interconectar abordagens dessas diferentes modalidades educativas. A referida tipologia valoriza diversas formas de aprendizagem, formando um ciclo dinâmico e constante de aquisição de saberes.



“A educação deve ser pensada e concebida de forma diversa, visto que não existe uma única forma de educação” (Pires; Queiros, 2016, p.2). No entanto, na maioria das instituições educacionais brasileiras, a educação formal está hierarquicamente estruturada criando relações de superioridade. Essa hierarquia muitas vezes reduz a autonomia dos estudantes e limita a participação ativa no processo de aprendizagem, priorizando a transmissão do conhecimento sem articular uma ponte entre o saber já adquirido a partir das atividades cotidianas, com o saber formal.

Buscamos, dessa forma, o aprendizado para a construção de uma proposta que valorize os saberes já adquiridos e deles possam, as pessoas jovens e adultas, caminhar em direção à aquisição de outros saberes que são impostos por uma sociedade culta, todavia sem perder de vista a valorização cultural e a realidade dos educandos em seus saberes significativos no processo de construção de um novo conhecimento, de modo a inseri-los nas formas de compreender e atuar no mundo (Pereira; Pereira, 2003, p.37)

Perante essa perspectiva, é fundamental propor a somatória de experiências e novos aprendizados, através de ensinamentos que ultrapassem os limites formais da educação. Nesse sentido, as metodologias alternativas associadas à educação não formal emergem como abordagens inovadoras, que buscam envolver os alunos em processos de aprendizagem mais dinâmicos e interativos.

Contudo, a educação não formal possui um importante papel para um ensino além da sala de aula, utilizando variados espaços educativos, como museus, centros culturais, organizações comunitárias, e até mesmo no cotidiano por meio de práticas culturais e sociais. Incentivando, assim, “a formação de sujeitos autônomos com possibilidades de intervir, de forma significativa, na construção de uma sociedade cidadã” (Pereira; Pereira, 2003, p.36).

3.2 A abordagem da Geografia no CRAS Nazareth Assis, Santo Antônio de Jesus-Ba

A abordagem da Geografia é essencial para o desenvolvimento do senso crítico e da ampliação sobre a percepção do mundo, pois se trata de uma ciência que auxilia na capacidade de compreender e interpretar fenômenos sociais e naturais que estão presentes na vida cotidiana das pessoas. Seguindo essa perspectiva, é necessário buscar inspirações para fazer, ensinar e aprender novas Geografias, pautadas em atividades



lúdicas, inclusivas e significativas, a fim de construir conhecimentos para além da sala de aula.

Assim, os espaços não formais de aprendizagem são como um amplo laboratório de experiências geográficas, que, na maioria das vezes, passam despercebidas com a persistências dos métodos de ensino tradicionais nas escolas, pois, apesar da Geografia ainda ser vista como um plano de fundo silencioso de ciências que despertam maior interesse para uma sociedade inclinada ao acúmulo de capital, ela é essencial no dia a dia dos indivíduos visto a promoção da criticidade e da reflexão sobre os fenômenos naturais e sociais que ocorrem no espaço.

A fim de promover a construção do raciocínio geográfico em espaços não escolares, escolheu-se o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Nazareth Assis, localizado no bairro do São Benedito, na cidade de Santo Antônio de Jesus-BA, para a realização de uma oficina com o tema geral “Geografando por meio das experiências do cotidiano”, tendo como finalidade de demonstrar e relacionar os conteúdos da Geografia com as vivências diárias.

Nesse parâmetro, foram realizados seis encontros cujo as temáticas estavam voltadas para atingir os objetivos da oficina e facilitar a inclusão de todos os envolvidos nas atividades, considerando que as turmas eram constituídas por pessoas com diferentes idades e o CRAS Nazareth Assis atuar em dois espaços distintos: 1. Centro Comunitário do São Bendito; 2. Unidade Comunitária da Rádio Clube.

O primeiro encontro da oficina foi realizado no espaço do Centro Comunitário, escolhendo-se abordar a temática da Geografia como uma ciência do cotidiano, visando despertar a percepção dos participantes sobre as diferentes atuações do ser humano com a natureza e como estas ações constroem e transformam o espaço geográfico.

Segundo Cavalcanti (2005, p. 197) “entender o processo de formação de conceitos, via escolarização, por exemplo, é preciso considerar as especificidades e as relações existentes entre conceitos cotidianos e conceitos científicos”. Assim sendo, a associação dos conhecimentos geográficos com as interações e instâncias que decorrem na vida cotidiana das pessoas, possibilitam a compreensão mais clara e efetiva sobre as organizações, estruturas e funcionamento das dinâmicas espaciais.



Com intuito de alcançar tal objetivo, foi desenvolvida a dinâmica do “Passa o Pote” (Figura 1), uma brincadeira interativa que tinha como principal finalidade criar um momento de socialização e aproximação entre osicineiros e os participantes. Sentados nas carteiras em formato de círculo, ao som de uma música animada, os envolvidos retiravam um cartão com uma pergunta que os induzia a compartilhar algo específico sobre a sua personalidade e suas vivências no cotidiano. Finalizada a dinâmica, osicineiros, em conjunto com os participantes, fizeram uma análise sobre como a geografia estava presente nas vivências contadas pelos integrantes no decorrer da brincadeira. Ainda com um resquício de timidez, os integrantes demonstraram um envolvimento significativo na construção coletiva do raciocínio geográfico durante esse processo de integração.

Para potencializar o diálogo anterior, foi realizado o jogo do Bingo Geográfico, cujo as cartelas possuíam palavras e imagens associadas aos conceitos e temas da geografia, tais como relevo, espaço urbano e rural, região, território, dentre outros. Tratando-se de uma ferramenta lúdica e competitiva, ficaram entusiasmados para preencher suas cartelas na expectativa de ser o vencedor do jogo, minimizando o sentimento de timidez e dando abertura a novos diálogos sobre os símbolos apresentados nas fichas do bingo.

Posteriormente, foi apresentado um cartaz que esquematizava, em forma de mapa mental, as relações sociais que ocorrem dentro do espaço geográfico, cujo oicineiro ia interligando com alguns temas mencionados anteriormente no Bingo Geográfico.

Finalizando as atividades do dia, adentramos na discussão sobre a capacidade de o espaço geográfico interferir nas emoções e comportamentos das pessoas, a partir da brincadeira do “Passa o Pote”, que nessa etapa contava com cartões escritos com as principais emoções (raiva, alegria, medo, tristeza e etc.) e, a partir destas, os participantes abordavam sobre os espaços do cotidiano que despertavam as respectivas sensações.

Realizados com as turmas do Centro Comunitário, no São Benedito, e na Unidade Comunitária da Rádio Clube, o segundo e terceiro encontros abordaram sobre a relação da cartografia com atividades comumente encontradas no cotidiano dos participantes, a fim de compreender com mais amplitude sobre o espaço ao seu redor e



expandir a capacidade de localizar pontos de referência na localidade em que reside.

Apoiado na concepção de Francischett (2004, p.7):

os conhecimentos cartográficos, necessários à vida cotidiana, fossem adquiridos somente no interior da sala-de-aula, tal questão deixaria de existir. No entanto, como ocorrem no contexto histórico do espaço geográfico (espaço-tempo), há necessidade de representar esse processo de maneira que essa reprodução possibilite a produção de conhecimento para a vida social (Francischett, 2004, p.7).

Assim, a habilidade de construir conhecimentos e interpretar fenômenos do dia-a-dia a partir das leituras cartográficas se torna indispensável para a formação de cidadãos capazes de produzir diferentes conhecimentos no seu dia a dia. Apoiado nesse objetivo, o segundo e o terceiro encontros foram introduzidos com um diálogo sobre como a cartografia está presente no cotidiano e a importância desta área na jornada pessoal dos participantes.

Logo em seguida, foi solicitado que os envolvidos construíssem um mapa que representasse o trajeto que eles faziam da sua casa até chegar na escola (Figura 2). Durante esta etapa da oficina, alguns apresentaram dificuldades para a identificação e seleção dos principais pontos de referência, visto a diferenciação de idades que compreendiam o público trabalhado.

Figura 2. Processo e resultado da representação do trajeto da casa até a escola na Unidade Comunitária da Rádio Clube, Santo Antônio de Jesus-BA.



Fonte: Oficina, 2024.



Entretanto, tal adversidade incentivou o protagonismo de outros participantes, tinham mais tempo de vida, na desvinculação da condição de aprendizes para a adoção do lugar de facilitadores, fazendo com que o aluno se torne um agente ativo no processo de ensino e aprendizagem, na medida em que este desenvolve autonomia e responsabilidades dentro das relações sociais.

Na sequência da atividade, osicineiros realizaram uma curta exposição sobre os elementos que compunham o mapa, estimulando os envolvidos a identificar alguns dos elementos citados pelo mediador, nos mapas que construíram. Em sequência, foi aplicado uma lista de exercício com o apoio de figuras e representações cartográficas básicas, envolvendo a citação das formas de representação do mapa e a identificação dos respectivos elementos.

Vale salientar que, assim como na atividade anterior, foi necessário o apoio de outros participantes no auxílio às crianças estavam fase sensório-motora e pré-operacional. Outra situação percebida, foi com relação a baixa autoestima de dois participantes em relação a sua capacidade de responder as questões apresentadas, alegando que “não sabiam nada de geografia”. Entretanto, durante a realização da atividade, com a mediação dosicineiros, percebeu-se o contrário. Com o apoio emocional disponibilizado pelosicineiros e a mediação feita por estes, ambos os estudantes conseguiram obter êxito total na resolução das perguntas, conseguindo alcançar 100% de acerto da lista de exercício.

Após a correção em conjunto e o conhecimento do resultado, os participantes, principalmente aqueles que apresentavam crenças limitantes sobre o seu potencial, mostraram-se muito felizes e orgulhosos de si mesmos por terem conseguido superar seus desafios correlatos à cartografia.

Encerrando a temática da oficina para ambas as turmas (Centro Comunitário do São Benedito e Unidade comunitária na Rádio Clube), foi feita uma coreografia a partir da música “Pontos Cardeais” do grupo musical Ilha dos Sonhos, que, em um ritmo embalado e divertido, estimulou os participantes a localizarem onde estava situado o norte, sul, leste e oeste por meio do conhecimento prévio sobre a direção onde o sol nasce e se põe, na sua localidade. Esta atividade envolveu positivamente todas as faixas etárias, incluindo adolescentes e crianças acima e abaixo dos 5 anos de idade.



No quarto encontro foi selecionado o tema “Lugar e pertencimento através das memórias”, com objetivo de estimular o compartilhamento de histórias e memórias de lugares que tiveram um significado intrínseco na vida dos participantes, assim como desenvolver a capacidade de identificar os elementos que reforçam o sentimento de pertencimento afetivo. Souza e Mendes (2011, p. 2366), acreditam que:

O lugar é uma categoria de análise da ciência geográfica que vem despertando uma série de discussões nos últimos anos. Ao lugar foi compelido um arcabouço teórico conceitual que prioriza o cotidiano e as singularidades presentes na vida que se realiza em sociedade (Souza; Mendes, 2011, p. 2366).

Em consenso com Souza e Mendes, osicineiros selecionaram a brincadeira do Telefone Sem Fio, reunido todos os participantes (com diferentes faixas etárias: crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) numa fila e para que o participante do início da fila pudesse repassar a diante, a seguinte frase: “Não há lugar como o nosso lar”. Após a mensagem chegar ao último participante, o ambiente se transformou num fenômeno de muitas risadas pelo fato de que a mensagem final ter sido completamente diferente da inicial, resumido a frase em uma única palavra. Esse momento foi essencial para minimizar a timidez e propiciar a construção de vínculos entre osicineiros e os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Dando sequência a essa etapa da oficina, foi feita uma roda de conversa sobre como a relação entre ser humano e o lugar impacta nas diferentes maneiras de interpretar e se reconhecer no mundo, identificando as experiências que marcaram as memórias e o sentimento de pertencimento.

Encerrando a quarta oficina foi realizada a dinâmica da Árvore de Memórias (Figura 3), em que cada participante recebia um papel em formato de folha para preencher as folhagens da planta com o nome do lugar ao que se sentiam pertencentes, detalhando os motivos para tal sentimento. Após a montagem da árvore e a transmissão dos relatos, notou-se que apesar de algumas pessoas residirem na cidade Santo Antônio de Jesus, elas se sentiam pertencentes a outros espaços que remetiam a sua infância, o que demonstra o reflexo de uma memória nas percepções individuais do ser humano, para além da temporalidade em que foram vivenciadas.



Figura 3: Realização da dinâmica Árvore das Memórias no Centro Comunitário, São Benedito, Santo Antônio de Jesus-BA.



Fonte: Oficina, 2024.

O quinto e o sexto encontro foram realizados com duas turmas do Centro Comunitário (matutino e vespertino), no São Benedito, ambos abordando a temática sobre o território. Iniciando-os com um dado, no qual os envolvidos na oficina compartilhavam informações pessoais e hobbies conforme as instruções presentes nas faces do dado.

Fundamentado em Fuente e Sampaio (2013, p. 52) quando afirma que:

No processo de transposição didática do conceito Território nos estudos geográficos, a aproximação de educadores e estudantes com os conhecimentos e com o exercício dos raciocínios geográficos contribuirá para que ocorram novas descobertas e entendimentos com a percepção prática do cotidiano, contribuindo, dessa maneira, para a construção da cidadania (Fuente; Sampaio, 2013, p. 52).

Objetivando atingir a construção eficaz do raciocínio geográfico, foi realizada a brincadeira Caça ao Tesouro, para abordar sobre os processos relacionados a exploração do território. Nesse sentido, foram distribuídas várias pistas nos espaços do Centro comunitário, que os participantes precisavam procura-las para seguir os próximos passos até encontrar o tesouro. Findando a brincadeira, uma dasicineiras fez uma breve relação da brincadeira com o contexto de análise e reconhecimento territorial.

Na sequência, brincadeiras tradicionais com a Dança da Cadeira e Cabo de Guerra foram efetuadas para adentrar na discussão sobre disputas externas e internas do



território. Essa etapa do encontro elevou os participantes a um estado de diversão, competitividade e interação afetuosa com os mediadores da oficina.

Posteriormente, iniciou-se o Jogo do Presidente (Figura 4), uma proposta didática criada por uma dasicineiras cujo objetivo era avaliar os conhecimentos que os participantes já possuíam sobre gestão do território. Inicialmente foi solicitado que cada integrante da oficina selecionasse um nome para representar seu país, pois este assumiria o papel de chefe de estado para a resolução de problemas fictícios que decorriam dentro das fronteiras territoriais. Os problemas sorteados num pote, relacionavam-se com os desafios enfrentados na conservação ambiental, nas condições de saúde, segurança, educação e desemprego, que, a partir de cartas apresentando diferentes recursos, os participantes iam montando estratégias para a solução dos problemas encontrados no seu país, despertando o interesse e a concentração dos envolvidos na atividade.

Figura 5. Realização do Jogo do Presidente, no Centro Comunitário, São Benedito, Santo Antônio de Jesus-BA.



Fonte: Oficina, 2024.

É importante destacar que a criatividade dos participantes ao apresentar suas propostas, terminou por surpreender osicineiros com a riqueza de detalhes e a clareza nas associações entre um recurso e outro para a mitigação dos obstáculos “encontrados” no território.

Chegando ao último momento do encontro, foi realizado o Jogo da Memória no qual os participantes teriam que corresponder os animais representados nas cartas com os respectivos territórios de habitação. A associação do jogo com os animais



desencadeou, pelos participantes, o compartilhamento de filmes e desenhos animados que abordavam a relação territorial entre as espécies, envolvendo principalmente a participação das crianças e adolescentes nesse processo.

Encerrando os encontros no CRAS Nazareth Assis, foi feita uma confraternização de despedida dos alunos e agradecimento às educadoras sociais pelo acolhimento dosicineiros durante as oficinas, finalizando um momento que corriqueiramente marcava a amabilidade e a fraternidade nas demais reuniões realizadas no Centro Comunitário do São Benedito e na Unidade Comunitária da Rádio Clube.

4 Considerações Finais

A partir das ideias levantadas, é possível perceber que a educação em espaços não formais impacta positivamente no processo de ensino e aprendizagem, tanto dos participantes quanto dos mediadores, ultrapassando os limites da sala de aula e dos métodos tradicionais de abordagem da geografia, que, muitas vezes, despertam crenças limitantes acerca do potencial e da capacidade de construir e reconstruir o raciocínio geográfico através das vivências do cotidiano.

As experiências internalizadas no CRAS Nazareth Assis, desencadearam momentos enriquecedores com atividades lúdicas, divertidas e interativas, que auxiliaram os participantes no desenvolvimento da criatividade e da curiosidade sobre os temas abordados nos encontros, como também a evolução do autoconhecimento e suas potencialidades. Entretanto, percebeu-se nas oficinas desafios interligados a diversificação do público, que englobou crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos num único espaço de aprendizagem, dificultando a realização determinadas atividades, por alguns participantes.

Contudo, conclui-se que os encontros da oficina foram significativos para a formação dosicineiros como futuros professores de Geografia. A partir do contato direto com um público variado, foi proporcionado o compartilhamento de diferentes saberes e conhecimentos que efetivaram a construção de aprendizagem de forma leve, prazerosa e inclusiva entre os envolvidos nesse processo.



Referências

ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BRUNO, A. **Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos**. Mediações- revista online, vol. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <https://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/article/view/68>. Acesso em: 10 de dezembro.

CAVALCANTI, L. de S. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **Cedes**. Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 10 de dezembro.

FRANCISCHETT, M. N. **A cartografia no ensino-aprendizagem da geografia**. 2004. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/Geografia/artigos/cartografia/francischetti-mafalda-representacoes-cartograficas.pdf>. Acesso em: 10 de dezembro.

FUENTE, A. R. D. L.; SAMPAIO, A. de Á. M. Apontamentos sobre a transposição didática do conceito território na Geografia escolar. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia v. 14, n. 47, p. 43–53, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/download/16692/13390>. Acesso em: 10 de dezembro.

Quando sinto que já sei. **Documentário**. Direção: Antonio Sagrado Lovato, Raul Perez e Anderson Lima. Produção: BigBonsai, Maria Farinha Filmes. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2014. 1 vídeo (78 min).

SOUZA, F. D. S. de; MENDES, G. F. O lugar e o sentimento de pertencimento como viés de análise no ensino de geografia. **IX Colóquio do Museu Pedagógico**. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/view/2680>. Acesso em: 10 de dezembro.

PACHECO, J.; PACHECO, M. de F. **Escola da ponte: uma escola pública em debate**. Editora Cortez, 2015.

PEREIRA, G. de B. P.; PEREIRA, L. B. **Perspectivas da educação não-formal em Geografia**. GEOGRAFARES, Vitória, no 4, 2003.

PIRES, C. M. de S.; QUEIROZ, P. P. **O estágio em espaços não formais de ensino: outras possibilidades do educar**. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LA RED ESTRADO: MOVIMIENTOS PEDAGÓGICOS Y TRABAJO DOCENTE EN TIEMPOS DE ESTANDARIZACIÓN 11, 2016.